

**A POÉTICA DE ADÉLIA PRADO**  
**“NÃO SOU MATRONA, MÃE DOS GRACOS, CORNÉLIA, SOU MULHER**  
**DO POVO, MÃE DE FILHOS, ADÉLIA”.**

**ABUD**, Kelly Oliveira.

[kelleabud@hotmail.com](mailto:kelleabud@hotmail.com)

**SANTOS**, Fernanda Layla da Silva.

[fernandalayla@hotmail.com](mailto:fernandalayla@hotmail.com)

**SANTOS**, Magna Souza dos.

[magnaboa@hotmail.com](mailto:magnaboa@hotmail.com)

[souzamagna@hotmail.com](mailto:souzamagna@hotmail.com)

**SANTOS**, Josane Cristina Batista (Orientadora).

Mestre em Literatura Brasileira, Graduação em Letras-Vernáculo e História. Prof<sup>ª</sup> dos Cursos de Letras e História da Universidade Tiradentes.

## **RESUMO**

Adélia Prado surge na década de 70, introduzindo uma poética autêntica, em que destaca o “perfil da mulher”. Em sua temática, há uma constante presença do cotidiano da mulher, de forma que ela não se sente inferiorizada, pelo contrário, assume e gosta de seu papel nato. O feminino, em sua poesia, não é exposto com o intuito de superiorizar a classe feminina, mas sim apresentar a condição da mulher em seu cotidiano.

## **PALAVRAS – CHAVE**

Mulher, feminilidade, rotina e poesia.

## **A POÉTICA DE ADÉLIA PRADO**

### **“NÃO SOU MATRONA, MÃE DOS GRACOS, CORNÉLIA, SOU MULHER DO POVO, MÃE DE FILHOS, ADÉLIA”.**

A nossa proposta é apresentar a feminilidade na poética de Adélia Prado, não expondo uma mulher revolucionária, mas sim mostrando um perfil de mulher simples que aceita sua “função cotidiana”, sem traços de submissão. Persona recorrente em sua poesia.

Para compreendermos a poética de Adélia Prado é necessário situá-la na Literatura Brasileira. A década de 70, época em que Adélia surge no contexto literário, assinala o domínio da poesia no passo em que ocorre o Pós-Tropicalismo, com a Antropofagia de Oswald de Andrade, precursor das Vanguardas Literárias e as forças políticas atuantes desde 1964, que incidem sobre esse momento histórico, juntamente com a proliferação dos meios de comunicação, atrelados à indústria cultural.

Adélia Prado surge no contexto literário na década de 70, porém, introduz características poéticas da geração de 45, fase madura do segundo momento modernista, adicionando novidade de forma, temas e intuições. Segundo Massaud Moisés:

Adélia tem cultivado a poesia..., em que a simplicidade do cotidiano doméstico (o profano), aglutinado a um espiritualismo de acentos místicos (o sagrado), mal esconde uma angustiante procura do ser lado a lado com uma sensualidade velada, ancestral, mais signo de plenitude que de carência. (MOISÉS, 1989,p.516).

A manifestação do poético, nos anos 70, propiciou a reação literária, que define boa parte do cenário poético do fim do século. Podemos caracterizar o sujeito dessa geração na moldura da visibilidade total; a intimidade do homem é um valor que mudou de figura, portanto, poetizar a intimidade do homem comum é um projeto poético que precisa ser revisto. O universal só existe em estado de diversificação, o homem comum de repente pode ser uma mulher? Marcas de gênero: a questão das mulheres, da poesia feminina por oposição à dominante masculina de todo o sempre. O sujeito é mulher. O sujeito é mulher? Mas por que o sujeito haveria de ser para sempre daqui para frente o homem, comum ou incomum? Comum ou incomum, tudo bem, mas por que o homem? Por que não mulher? Poeta mulher.

Na poesia brasileira do fim do século, o sujeito marcado por gênero é de longe o mais importante nessa multiplicação de marcas. A poesia escrita por mulheres apareceu no cenário com força quantitativa. E o tema principal da poesia recente escrita por mulheres é a condição feminina, pois não interessa à poeta mulher falar em nome de um sujeito universal, nem

querer o homem comum; ela quer ser a mulher. Nenhuma outra marca da subjetividade pós-moderna avançou na poesia brasileira com a mesma força que a da mulher (poetas celebrando a preferência amorosa pelo mesmo sexo). O/A poeta do último fim do século, que é também o/a poeta deste início do século XXI, busca seu lugar incomum, radicalmente singular.

A escritora Adélia Prado surgiu para a Literatura Brasileira apoiada pela escrita especializada e por alguns intelectuais entusiasmados com o lirismo que vinha do interior mineiro. Na obra adeliana trata-se do: o cotidiano, relato da vida no interior, da expressão feminina, o amor à religião católica, o retrato de um mundo Kitsch e a incorporação de uma linguagem coloquial. Então, a situação particular vivida pela autora em sua condição de mulher e aproximação com o universo religioso marca de forma decisiva seu discurso.

Para compreendermos um pouco mais sobre a temática utilizada por Adélia, torna-se de grande relevância fazer uma analogia acerca da mulher dos anos 70 com a dos 20 (como exemplo) para observarmos melhor o seu contexto histórico que propiciou/influenciou sua abordagem feminina. Os anos 20 foi uma década de prosperidade e liberdade; animada pelo som do Jazz-bands e pelo charme das melindrosas – mulheres modernas da época, que freqüentavam os salões e traduziam em seu comportamento e modo de vestir.

Essa mulher, dominava uma grande fatia da economia, comprando produtos de beleza, roupas e tudo para enaltecer sua sensualidade. Foi sem dúvida, o momento de maior afloramento da vaidade humana em todos os seus aspectos e principalmente da mulher. Já a partir da década de 70, podemos encontrar o seguinte lema: “Mulher, trabalho e família”.

A participação das mulheres, no mercado de trabalho, apresentou uma espantosa progressão. No entanto, o trabalho das mulheres não depende tão somente da demanda do mercado e das suas qualificações para atendê-la, mas decorre também de características pessoais e familiares. A presença de filhos, associada ao ciclo de vida das trabalhadoras, a sua posição no grupo familiar – como cônjuge, chefe de família etc. Assim, estando ou não no mercado, todas as mulheres são donas-de-casa e realizam tarefas domésticas.

Podemos destacar primeiramente um poema que tem a cara feminina do nosso pós-modernismo (buscando uma expressão poética comum ao brasileiro universal; e a segunda fase pós modernista (buscando a individualidade numa democracia de diversidades, de diferenças). O poema é *Com licença poética*, publicado em 1976.

Adélia inaugurou o “politicamente correto” na poesia brasileira, substituindo o gesto poético da máscara da persona, pelo poético de uma autenticidade autobiográfica corroborada pelo corpo. De acordo com a poeta “é meu corpo que avaliza minha história”. Com Adélia o machismo textual foi abalado na história literária brasileira, querendo apenas nascer como

poeta, e nenhum poeta nasce sem antes cercar seu próprio terreno, diferenciando-se do poeta maior que elegeu como seu paradigma. Podemos ver, essas características no poema abaixo:

*Com licença poética*

Quando nasci um anjo esbelto,  
 Desses que tocam trombeta, anunciou:  
 Vai carregar bandeira.  
 Cargo muito pesado pra mulher,  
 Esta espécie ainda envergonhada.  
 Aceito os subterfúgios que me cabem,  
 Sem precisar mentir.  
 Não sou tão feia que não possa casar,  
 Acho o Rio de Janeiro uma beleza e  
 ora sim, ora não, creio em parto sem dor.  
 Mas, o que sinto escrevo. Cumpro a sina.  
 Inauguro linhagens, fundo reinos  
 (dor não é amargura).  
 Minha tristeza não tem pedigree,  
 Já minha vontade de alegria,  
 sua raiz vai ao meu mil avô.  
 Vai ser coxo na vida, é maldição pra homem.  
 Mulher é desdobrável. Eu sou.

Nos primeiros poemas de Adélia, publicados em *Bagagem*, temos explicitamente a definição e a imagem da poeta acerca do universo feminino. No poema acima Jaqueline Alice Capellari em seu estudo mostra que o eu-lírico assume sua função de mulher – poeta, apresentando-se através de uma linguagem simples, sem deixar de explicitar as antíteses entre o universo feminino diante do masculino, contradições essas que não têm como objetivo/fundamento expor lados submissos, mas apenas mostrar as diferenças entre ambos.

No primeiro verso, “Quando nasci um anjo esbelto” observamos a paródia a Carlos Drummond de Andrade, na qual a poeta deixa, a princípio, claro, que existem diferenças entre

homens e mulheres. Em vez de “anjo coxo”, conforme o poema de Drummond, encontramos um anjo esbelto que anuncia o nascimento do eu-lírico de *Com Licença Poética*. Podemos analisar também nesse verso, uma prova de aceitação no ser mulher, comprovando assim, que não há submissão, e tão pouco, superioridade feminina.

No quinto verso, “esta espécie ainda envergonhada” o eu-lírico define a mulher como uma “espécie” ainda tímida, que traz resquícios da criação (familiar), adicionados aos preceitos católicos (tão vigentes até os dias atuais), uma mulher que ainda não reconhece seu verdadeiro potencial.

No sexto verso, “Aceito os subterfúgios que me cabem” percebe-se que a poeta aceita e gosta de sua condição, ou seja, se conforma com os “subterfúgios” dados à mulher, como mãe, esposa, dona de casa, pois ela é “desdobrável”.

Está claro que a poeta enumera, de forma simples, algumas características da mulher, abordando questões ligadas ao sexo feminino, tais como o medo de não conseguir casar, medo do parto, “ora sim, ora não, creio em parto sem dor” e não desempenhar um bom papel no lar, revelando assim, sua forma de fazer poesia, “Mas, o que sinto escrevo”.

A mulher definida na poesia de Adélia consiste naquela que cumpre sua tarefa destinada (casar, cuidar da casa, ter filhos), é uma nova mulher que funda reinos, “Inauguro linhagens, fundo reinos” reinos esses que podem ser ampliados de acordo com as conquistas das mulheres na sociedade.

No livro *Como e Por que Ler a Poesia Brasileira do Século XX*, Ítalo Moriconi faz uma análise da poética de Adélia Prado tomando por foco o poema supracitado.

O crítico caracteriza-o como um desafio a tradição poética, ao reescrever o, *Poema de as sete faces* de Carlos Drummond de Andrade, afirmando a diferença de seu ponto de vista feminino. Existe uma relação intertextual entre o poema pós-modernista de Adélia e o poema original modernista de Drummond. Entretanto, não se trata de paráfrase (um tipo de relação intertextual em que apenas se repete com outras palavras a idéia contida no texto anterior, mas uma paródia do poema de Drummond, por ser canto paralelo, apropriando-se das palavras e do tema do poema original para lhes dar um novo sentido, inverso ao primeiro. Se este era a certidão de nascimento de um poeta homem que falava por todos, o segundo registra o nascimento da poeta mulher que não mais permite que falem por ela.

De acordo com a idéia anterior, nasce a diferença histórica entre o contexto poético modernista dos anos 20 e o pós - modernista dos anos 70; o primeiro é dominado pelo ponto de vista masculino e o segundo a pluralidade de gêneros. Uma mulher vive uma realidade que só até certo ponto pode ser equiparada à um homem.

O anjo de Adélia não é torto como o de Drummond; Adélia troca a palavra negativa do poeta, “torto”, por uma positiva, “esbelto”. A paródia modernista é a negação ou esvaziamento da sacralidade do passado e a pós-modernista apropria-se das palavras sagradas do passado e lhes dá uma outra direção. Ao optar pelo anjo esbelto, Adélia recusa o “satanismo agnóstico”, de Drummond. Se este poetiza a experiência do filho rebelde que deixou Itabira para trás e foi à luta, conquistar o mundo da cidade grande, Adélia pretende falar pela mulher simples que ficou no interior e jamais separou amor sexual do conjugal.

A poeta pretende exteriorizar um olhar alternativo ao de Drummond. O *gauche* é individual, é o homem hesitante dilacerado pela contradição entre a lei da carne (o indivíduo moderno na sua intimidade dilacerada, angustiada, no seu cotidiano urbano euforizado). Já o anjo esbelto de Adélia, não faz por menos e sequer “indivíduo”, ela é parte de uma espécie (o ser mulher se sobrepõe ao ser indivíduo).

Se no poema de Drummond quem fala é um eu (Carlos) com projeção universal, o de Adélia é no plural, “nós”; a poeta lamenta um pouco sua sorte: “carregar bandeira” (a bandeira da mulher). Não é fácil ser mulher num mundo de homens.

Portanto, se na persona modernista de Drummond havia a hesitação entre o dizer e o não dizer, em Adélia afirma-se a simples alegria de ser.

Contudo, observamos explicitamente a temática de Adélia Prado, que abrange o cotidiano feminino, com o propósito de mostrar sua rotina (de mãe, esposa), que gosta de cuidar de seus filhos; esposa cumpridora de seu papel; enfim, que cuida da família e da ordem do lar/casa com satisfação.

A significação da mulher é uma das características fundamentais da obra de Adélia. O poema abaixo mostra-nos que a autora é uma mulher do povo, e sua poesia não está vinculada nem possui fundo político, mesmo numa época em que as feministas estavam em plena atividade com seus discursos de emancipação.

*Grande Desejo*

Não sou matrona, mãe de Gracos, Cornélia,  
 sou mulher do povo, mãe de filho, Adélia.  
 Faço comida e como  
 Aos domingos bato osso no prato pra chamar  
 Cachorro e atiro os restos.  
 Quando doi, grito ai.  
 quando é bom, fico bruta,  
 as sensibilidades sem governo.  
 Mas tenho meus prantos,  
 claridades atrás do meu estômago humilde  
 e fortíssima voz pra cânticos de festa.  
 Quando escrever um livro com o meu nome  
 e o nome que eu vou pôr nele, vou com ele a uma igreja,  
 a uma lápide, a um descampado,  
 para chorar, e chorar,  
 requintada e esquisita como uma dama.

Para Jaqueline Cappellari, o poema inicia-se com a rima provocada pelo contraste dos nomes “*Cornélia*” e “*Adélia*”. “Não sou matrona, mãe dos Gracos, Cornélia, sou mulher do povo, mãe de filhos, Adélia”. A poeta começa dizendo que é uma mulher comum, do povo, mãe, por meio de enumeração de atos corriqueiros, banais, tais como “Aos domingos bato osso no prato pra chamar cachorro e atiro os restos”. Diferentemente de Cornélia, qualificada como uma mulher revolucionária, por defender valentemente seus dois filhos, Tibério e Caio, que propuseram a primeira lei da reforma agrária em Roma, e que, por isso mesmo foram condenados a morte.

No sexto verso “Quando dói grito ai; quando é bom fico bruta, as sensibilidades sem governo” Adélia diz que não se trata de uma mulher revolucionária que reprime sua dor em busca de determinado ideal, mas sim uma mulher que constitui sua força na sinceridade consigo mesma. As suas sensibilidades não tem governo, ou seja, ela se aceita como é, como seus momentos de dor e irracionalidade.

No décimo segundo verso em diante “Quando escrever um livro com o meu nome e o nome que eu vou pôr nele, vou com ele a uma igreja, a uma lápide, a um descampado, para chorar, chorar, e chorar, requintada e esquisita como uma dama” notamos a religiosidade da autora. A poeta quando escrever seu livro, irá a uma igreja, talvez para batizá-lo; a uma lápide, talvez para agradecer. Então, a sensibilidade da poeta virá a tona e lá irá chorar, transformando-se numa dama requintada, pois tem um livro com seu nome, porém, esquisita, já que é diferente, possui um destino que sabe qual é.

A partir disso, podemos ver que Cornélia tornou-se símbolo pela forma digna como suportou a perda dos filhos. Até a velhice, Cornélia foi respeitada por toda Roma – inclusive pelos senadores que mataram seus filhos. Ainda em vida foi levantada a ela uma estátua com estes dizeres: CORNÉLIA, MÃE DOS GRACOS. Já Adélia não, é uma mulher simples, “do povo”, que pratica atos costumeiros, e que assim, não sente-se envergonhada de, muitas vezes, ter que mostrar-se sensível diante das aflições. Considerando também a religiosidade da autora, citando o batismo do livro com o seu nome e o agradecimento que irá fazer “Adélia é lírica, bíblica, existencial, faz poesia como faz bom tempo: esta é a lei, não dos homens, mas de Deus.” (Carlos Drummond de Andrade).

Da mesma forma que encontramos em *Com licença poética*, a descrição de uma mulher cumpridora de suas tarefas domésticas, podemos observar em *Casamento* este mesmo perfil.



*Casamento*

Há mulheres que dizem:

Meu marido, se quiser pescar, pesque,

Mas que limpe os peixes.

Eu não. A qualquer hora da noite me levanto,

Ajudo a escamar, abrir, retalhar e salgar.

É tão bom, só a gente sozinhos na cozinha,

De vez em quando os cotovelos se esbarram,

Ele fala coisas como “este foi difícil”

“prateou no ar dando rabanadas”

E faz o gesto com a mão.

O silêncio de quando nos vimos a primeira vez

Atravessa a cozinha como um rio profundo.

Por fim, os peixes na travessa,

Vamos dormir.

Coisas prateadas espocam:

Somos noivo e noiva.

A autora escolheu o mundo doméstico para retratar na sua poesia *Casamento*, o lado prazeroso da vida simples vivida por um casal, descrevendo o cotidiano feminino no espaço da casa e das atividades realizadas por uma mulher que sente prazer pelo que faz, mulher simples que não se sente submissa. Faz comparação mostrando os dois tipos de mulher, as modernas, que não gostam do serviço doméstico e as que sentem prazer em fazê-lo sem esquecer o lado romântico de tudo isso, a autora consegue mostrar o romantismo presente no casal durante as atividades cotidianas.

A partir desse poema, vale ressaltar a relação a dois, relação essa, de cumplicidade entre o casal, em que a mulher ajuda o marido “a qualquer hora da noite me levanto, ajudo a escamar, abrir, retalhar e salgar”, em algumas tarefas que se colocamos na atualidade, dificilmente encontraríamos uma mulher a qualquer hora da noite nos afazeres da casa, muito menos um homem na cozinha participando de atividades consideradas femininas; e o lado

romântico exposto acima, encontrado na segunda estrofe em que é descrito o lado prazeroso da vida simples, de um mundo doméstico que “ela” escolheu.

Outro poema que explicita a rotina é o “Mural”.

*Mural*

Recolhe do ninho os ovos a mulher  
 nem jovem nem velha,  
 em estado de perfeito uso.  
 Não vem do sol indeciso  
 A claridade expandindo-se,  
 É dela que nasce a luz  
 De natureza velada,  
 É seu próprio gosto  
 Em ter uma família,  
 Amar a aprazível rotina.  
 Ela não sabe que sabe,  
 A rotina perfeita é Deua:  
 As galinhas porão seus ovos,  
 Ela porá sua saia,  
 A árvore a seu tempo  
 Dará suas flores rosadas.  
 A mulher não sabe que reza:  
 Que nada mude, Senhor.

No poema *Mural*, de seu último livro de poemas *Oráculo de Maio*, observamos mais uma vez a temática explicitada anteriormente, da mulher que assume com prazer a condição de mãe e esposa. Como podemos ver, Adélia não recusa os papéis destinados às mulheres, pelo contrário, dá ênfase à aceitação dessa rotina.

Vejamos:

Recolhe do ninho os ovos a mulher  
 Nem jovem nem velha,  
 Em estado de perfeito uso.

Nesses versos, Adélia expõe uma etapa do cotidiano da mulher; de recolher os ovos, de não ter idade para cuidar do lar, da família, dos filhos.

Não vem do sol indeciso  
 a claridade expandindo-se,  
 é dela que nasce a luz  
 de natureza velada;

Acima, refere-se ao seguinte ponto “maternidade”; a luz não vem do sol, mas sim da mulher que põe seus frutos, frutos esses que fazem parte de seu papel como mulher, ter filhos e cria-los, pois provém de sua natureza.

É seu próprio gosto  
 Em ter uma família,  
 Amar a aprazível rotina.

Nessa estrofe fica explícita a grande temática de Adélia Prado; é o do querer da mulher desempenhar o papel de mãe, de dona-de-casa, de esposa e, a mulher faz isso sem se sentir inferior. Muito pelo contrário, faz por uma escolha, pois ela nasceu mulher e deve assumir a família e gostar da prazerosa rotina.

Ela não sabe que sabe,  
 A rotina perfeita é Deus:  
 As galinhas porão seus ovos,  
 Ela porá sua saia,  
 A árvore a seu tempo  
 Dará suas flores rosadas.

A mulher em Adélia Prado desempenha seu papel da melhor forma possível, mas sem procurar encontrar em sua rotina perfeição, pois só quem é perfeito é Deus.

Outro ponto é a relação natural e inata da mulher, dando como exemplo a ordem natural das aves, assim, a mulher porá sua saia como uma forma de aceitar a sua rotina; e no 5º e 6º verso mostra-nos que a mulher com o tempo amadurece e dará frutos. “A mulher não sabe que reza: Que nada mude, senhor.”

Podemos perceber, que fica claro o desejo que tudo fique como está, de que a mulher prossiga com seu papel familiar, pois só dessa forma ela poderá dar bons frutos.

Para Cecília Canalle, a sociedade moderna acredita numa possibilidade de ser feliz, não encontrando sentido nas atividades simples e repetitivas do cotidiano, mas na natureza que busca sentido permanente. Em um mundo conturbado e tecnológico, caracterizado pelo clamor de melhores condições de toda a espécie, o eu-lírico afirma: que nada mude Senhor. Assim, para Adélia a felicidade tem sua existência independente de “condições climáticas” favoráveis, mas reside em um mundo sustentado por um Deus criador, que o sustenta a cada instante.

Vimos que o feminino surge na poesia de Adélia Prado de modo que o sujeito lírico ora com ele identifica-se, ora dele afasta-se. A mulher em Adélia é caracterizada como comum, observada em *Grande Desejo*, em que há um contraste entre uma mulher revolucionária (Cornélia) e uma do povo (Adélia); a relação a dois vista em o *Casamento*, retratando uma relação de cumplicidade; Com *Licença Poética*, em que a autora define-se como mulher – poeta, abrangendo o cotidiano feminino; e por fim *Mural*, em que Adélia, mais uma vez, desenvolve sua temática de aceitabilidade nos afazeres cotidianos.

## REFERÊNCIAS

MORICONI, Ítalo. **Como e por que ler a poesia do século XX**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002, 153p.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 19ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

[www.spanport.ucsb.edu](http://www.spanport.ucsb.edu)

[www.fazendogenero7.ufsc.br](http://www.fazendogenero7.ufsc.br)

[www.passeiweb.com](http://www.passeiweb.com)

[www.biblioteca.unesp.br](http://www.biblioteca.unesp.br)

[www.areliquia.com.br](http://www.areliquia.com.br)

[www.almanaque.folha.uol.br](http://www.almanaque.folha.uol.br)

[www.fcc.org.br](http://www.fcc.org.br)